

*Reflexão*

# Pressupostos do jornalismo de ciência tal como é praticado no Brasil e suas repercussões no modo da cobertura

MÔNICA TEIXEIRA

## **UMA VISÃO DO DEBATE SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A CIÊNCIA E O JORNALISMO**

Jornalismo sobre ciência é jornalismo: é preciso dizê-lo porque, no debate a respeito do assunto, toda a atenção dos interessados concentra-se no “científico” da expressão *jornalismo científico*. Nos encontros em que se discute o “problema do jornalismo científico no Brasil”, o “problema” é a qualidade da “tradução” que jornalistas “sem formação em ciência” oferecem dos “complexos conteúdos” da produção científica contemporânea. A questão, posta desta maneira, engendra uma resposta que a reflete: trata-se, então, de aperfeiçoar o jornalista para que nos tornemos capazes de reproduzir competentemente aquilo que o cientista julga ser apropriável por um certo “público leigo”. Para tanto, pede-se ao cientista que se disponha, antes de mais nada por cidadania, a descer de sua “torre de marfim”. O jornalista deve esforçar-se em fazer do “árido” saber que a ciência produz algo que interesse ao comum dos mortais; para tanto, perguntará pela “utilidade” de uma descoberta. De seu lado, o cientista suprirá o pedido do jornalista buscando comparações prosaicas para descrições de fenômenos que se marcam, na ciência de hoje, por nada terem de prosaicas. Importa, para a aferição da qualidade do que escreve o jornalista (jornalista de televisão também escreve), estar o texto ou não de acordo com o que reza a ciência, concretizada na conclusão do artigo científico mais recente.

Mas de que maneira este critério de bom ou ruim, que se baseia na adequação a uma verdade, é próprio do jornalismo sobre ciência, diferente dos critérios do que é bom ou ruim para outros “jornalismos”, como o jornalismo de polícia, ou de economia, ou da cobertura política? Se o privilégio for dado ao termo jornalismo, ensina a tradição do ofício da reportagem (ainda a base sobre a qual se assenta o edifício da informação jornalística, apesar de seus detratores), em seu primeiro mandamento:

“não te fiarás em uma só fonte para escrever tuas matérias”. Esta espécie de cláusula pétrea do bom jornalismo – que encontra sua expressão mais empobrecida e mais esvaziada na rubrica “Outro Lado”, da Folha de São Paulo – brota da certeza compartilhada entre jornalistas de que a especialidade desta tal de verdade é nos escapar e de que, na profissão, trata-se de aprender a lidar com versões. Trata-se de construir, a partir de versões da verdade das fontes, uma outra versão da verdade. A reportagem – uma narração – é esta outra versão, e note-se que sua fonte é, afinal, o próprio jornalista. Recebemos a versão da verdade que tem o repórter como fonte como a mais verdadeira justamente porque pressupomos que ele, antes de pronunciá-la, buscou ativamente o contraditório<sup>1</sup> – procedimento que o jornalismo tomou emprestado da Justiça, onde é representado como um dos pilares do direito a ampla defesa.

Não há contraditório na cobertura de ciência. Dispensamos o jornalismo sobre ciência de cumprir o mandamento que interdita a matéria feita a partir de uma única fonte porque entendemos que não há versões da verdade quando se trata de ciência. Compartilhamos e cultivamos, ao longo da modernidade, a crença de que a verdade da ciência não comporta versões, dado ser a ciência justamente o método mais perfeito desenvolvido pelo homem para a apreensão da verdade sobre tudo no mundo passível de ser tomado como objeto deste método. Não há contraditório na cobertura de ciência porque não há contraditório possível para a ciência, a não ser aquele que a própria ciência engendrará ao longo do tempo com a continuidade da aplicação de seu método. Os jornalistas que cobrem ciência curvam-se perante sua sabedoria indubitável; e a reverenciam ao encarná-la no cientista-fonte de uma determinada matéria. É a ciência quem fala através de seus cientistas; qualquer um deles é arauto de uma mesma e única verdade, a verdade científica, derivada do método – e, reza a lenda sobre o “método científico”, ser, ele, como a ciência, um mesmo e único.

Não havendo versões, nem contraditório, o que se reserva então ao jornalista cobrindo ciência? A tarefa de “traduzir” com competência e fidelidade, de tal forma a ser compreendido pelo público leigo, um específico conteúdo científico. Este conteúdo científico contém uma verdade que a fonte<sup>2</sup> revelará ao jornalista. Não cabe a ele, neste peculiar recanto do território do jornalismo, duvidar deste “conteúdo”; cabe-lhe, tão somente, recolher o logos e “traduzi-lo” em versão simplificada.

---

<sup>1</sup> O diretor de redação de O Globo, Merval Pereira, afirmou ter se decidido a demitir Ricardo Boechat em junho de 2001 porque o jornalista fizera uma matéria sobre um inimigo de uma fonte, a partir exclusivamente de informações fornecidas por esta fonte – ferindo, portanto, a regra do contraditório.

<sup>2</sup> As revistas científicas são importantes fontes para os jornalistas que cobrem ciência. Sua autoridade pode ser maior do que a dos cientistas que publicam nelas suas descobertas, e deriva precisamente do chamado sistema de avaliação por pares (quer dizer, cientistas avaliando trabalho de cientistas).

Na cobertura de economia, por exemplo, em que conhecimentos específicos são vistos como requisito profissional, os jornalistas não se constrangem em duvidar de versões e buscar, com seu trabalho, estabelecer uma outra versão, que é útil e confiável por apresentar pontos de vistas contraditórios. Mas no que tange ao jornalismo científico, a posição que os homens contemporâneos dão à ciência – orgulho da civilização ocidental, tida como a mais bem acabada, bem sucedida e promissora obra da razão humana – impõe uma menoridade ao jornalista e a todos os que, perante ela, chamam-se “leigos”. É pressuposto que, através da ciência, a humanidade conquistou para si o poder de engenheirar o mundo, de dominá-lo e colocá-lo a seu serviço, para extrair dele sua sobrevivência. Nem jornalistas, nem cientistas, nem o chamado público em geral desejam ver este poder – que acalanta, ampara e consola – em cheque. Da maneira que está posto o debate, ao jornalista cobrindo ciência cabe tornar-se um divulgador desta verdade. Segue a conseqüência que o bom jornalismo *científico* é, também, propaganda da idéia da ciência.

### UM ASPECTO DO JORNALISMO PRATICADO NA TELEVISÃO E NOS JORNAIS

Aprendi com os jornalistas<sup>3</sup> que me formaram, a partir da segunda metade da década de 70, que havia limites entre jornalismo e propaganda, e que estabelecer e manter esta delimitação fora uma conquista que fortalecia a independência do jornalista, talvez sua maior qualidade. Para esta tradição, é mau *jornalismo* científico qualquer jornalismo que ambiciona reduzir-se a arauto fiel – que dá fé – de uma única fonte. Um jornalista faz bem seu trabalho, nesta escola, quando usa seu melhor discernimento para chegar a uma versão das verdades das fontes, em que estas últimas se expressam não na exclusividade de seu ponto de vista, mas no diálogo que o jornalista promove entre elas, manifesto na narração, e do qual o jornalista, ao consagrá-lo na forma de um texto, torna-se parte<sup>4</sup>. Esta participação do jornalista na *recollection* que oferece a respeito do assunto de sua pauta é pressuposta; o mandamento do contraditório como expressão da diversidade de pontos de vista, sua regra fundamental. É uma qualidade do texto jornalístico evitar a confusão entre estas diversas vozes, arautos de diferentes pontos de vista, para que o leitor perceba os interesses que animam os pontos de vista.

Este entendimento não informa a prática jornalística brasileira contemporânea. Notadamente a partir dos anos 90, prevaleceu a crença equivocada de que repórter bom é repórter mudo, cuja voz não pode nem deve ser discernida entre as que se expressam no texto jornalístico, o que foi adequado ao movimento de implantação de uma engenharia de pro-

<sup>3</sup> O mais marcante entre eles, Narciso Kalili .

<sup>4</sup> Neste sentido, nenhuma matéria expressa uma única voz.

dução nas redações que serve ao cumprimento de metas de produtividade. Uma vez que um repórter mudo não narra e por isso não escreve, e que a fala inclui a arbitrariedade do falante<sup>5</sup>, o resultado da ilusão da objetividade jornalística é a identificação da voz do repórter a outras vozes, muitas vezes sem que ele próprio ou o leitor se dêem conta da confusão. Esta tendência ao amálgama das vozes potencializa-se na cobertura de ciência, dada a menoridade que define os “leigos” frente ao saber do qual os cientistas são depositários. A qualidade de único verdadeiro deste saber autoriza o jornalista a deixar a fonte falar através de si. Mas ocorre também o inverso, como outra manifestação da mesma tendência: o jornalista se põe a falar através de sua fonte. Provavelmente resulta desta incompreensão a respeito do ofício da reportagem o fato de as fontes, com frequência, queixarem-se de que o jornalista não soube reproduzir seu pensamento, ou que simplesmente não reproduziu pensamento algum da fonte por não ter conseguido obter dela uma declaração com a qual concordasse<sup>6</sup>. No lugar de uma “objetividade” além da possibilidade do humano jornalista – inclusive porque vivemos um apogeu do narcisismo –, entra em cena o subjetivismo do repórter que, dispensado de discernir as vozes entre si, e a sua própria, faz de suas fontes bonecos de ventríloquo que falam em seu lugar<sup>7</sup>.

### **A PREVALÊNCIA DOS ASSUNTOS DE BIOMEDICINA NA PAUTA DO JORNALISMO SOBRE CIÊNCIA E O MODO DESTA COBERTURA**

Como o jornalismo de televisão noticia e reporta os assuntos abrigados debaixo de um guarda-chuva que vou chamar de “avanços da pesquisa em biomedicina”? A televisão está cheia destes “avanços”: nos horários tradicionalmente vistos como jornalísticos, e também espalhados na programação. Há “avanços da medicina” sendo reportados no programa do Gugu e do Ratinho, no sofazinho do Dráuzio Varella, nas entrevistas do Jô Soares, na novela das oito. Seja nos telejornais e programas especiais de reportagem, seja nos programas de variedades – campos que têm se entrelaçado tanto na televisão que talvez não se possa mais separá-los<sup>8</sup> –, o que se fala a respeito destes tais avanços parte já de um pressuposto “ponto pacífico”: trata-se, sempre, de um *avanço*, do qual todos – toda a humanidade – certamente vão se beneficiar. Sobre este

---

<sup>5</sup> Saussure.

<sup>6</sup> O advogado Oscar Vilhena, fonte que os jornalistas acionam quando o assunto é segurança pública, entre outros, faz esta observação sobre o comportamento dos repórteres.

<sup>7</sup> No jornalismo carioca mais do que no paulista, e na imprensa mais que não televisão, há – felizmente – exemplos que me desmentem. Em São Paulo, é o caso do jornal Valor, em particular o trabalho dos repórteres Cesar Felício, Ribamar de Oliveira e Ricardo Amaral.

<sup>8</sup> Este fenômeno tem sido salientado pelos observadores da mídia e contribui para borrar os limites entre o que é propaganda e o que é jornalismo, já que não se pede de apresentadores que garantam o contraditório.

ponto, jornalistas e apresentadores de televisão não farão questões. As entrevistas e reportagens, primeiramente, celebram a admiração que a potência sempre reiterada da “medicina de hoje” nos causa, uma vez que esperamos, com convicção, que dela advenha o alívio do sofrimento. Os fatos que suportam controvérsia – versões contraditórias – serão, geralmente, apresentados como desviantes (por exemplo, os erros médicos).

Por que acontece desta maneira? Por que os jornalistas de televisão, e também os outros, narram com suspeita fatos da vida política, e confiantemente quando se trata da pesquisa em biomedicina? Os jornalistas não inventam nem a suspeita, nem a confiança; diversamente, são *atuados* por elas. A suspeita a respeito de políticos e a confiança em cientistas e em médicos que aplicam a descoberta científica, ambas enraízam-se no solo do senso comum; num certo repertório de crenças que, os jornalistas acham, é compartilhado por “todos”. Estas crenças continuam crenças porque não suscitam questões (em primeiro lugar, aos jornalistas – para quem “todos” são o grupo humano que os rodeia); aliás, quando suscitarem, é porque já estarão deixando de ser crenças. Uma das maneiras pela qual o senso comum se diz é então através dos jornalistas<sup>9</sup>. Simultaneamente, estes narradores do contemporâneo participam de seu estabelecimento, constituindo-o. O senso comum também sustenta a ilusão de objetividade jornalística. O jornalista constrangido pela objetividade recorre à reiteração das crenças compartilhadas por todos para camuflar a tomada de posição que lhe possibilita narrar. Sua voz, assim, torna-se indiscernível para não elevar seu tom acima do burburinho produzido pela repetição monótona do senso comum.

É que idéias do senso comum os repórteres expressam quando tomam posição para narrar os avanços da pesquisa em medicina, assunto que domina as páginas de ciência dos jornais e motiva reportagens de televisão? Aquilo que é próprio do nosso tempo. A hipocondria é própria do nosso tempo; somos mais hipocondríacos hoje do que éramos há 20 anos<sup>10</sup>. O orçamento da principal agência de financiamento da pesquisa em biomedicina norte-americana, o National Institutes of Health, foi de 20 bilhões de dólares em 2000. Mantido o ritmo, em 2003 seu orçamento terá dobrado em relação a 1998<sup>11</sup>. A potência sempre crescente da indústria farmacêutica engendra a generalização da hipocondria ao ser engendrada por ela. Mas a força do dinheiro não explica tudo; o destino dele esclarece sobre aquilo em que investem os homens de cada tempo. Investe-se hoje em remédios porque vivemos um tempo em que não sabemos representar o sofrimento – acolhê-lo – senão mediante a doença. Doença,

---

<sup>9</sup> Talvez a mais importante produção das mídias seja esta reiteração que sedimenta um certo senso comum.

<sup>10</sup> Fui repórter do Fantástico entre 1981 e 1984. Naquela época, qualificava-se o programa de “hipocondríaco”. Hoje, os telejornais não deixam em paz as doenças e nem notamos. Aliás, a hipocondria agora tem patrocínio.

<sup>11</sup> Segundo matérias da revista *Nature*.

aqui, entende-se – pois navegamos pelo lodo do senso comum – como aquilo para o que o médico sabe dar um remédio. Não há sofrimento para além da doença, e o médico tem um remédio para ela<sup>12</sup>. Sobre isto, as narrações que enchem as páginas das revistas, dos jornais, da internet, e tomam o tempo nas televisões, não levantarão dúvida nem deixarão que escape uma discrepância capaz de revirar o lodo. A reverência benevolente perante aquele que traz a boa nova do avanço da biomedicina encena nosso desejo de que, sim, a todo sofrimento a descoberta científica faça corresponder uma pílula, para toda dor se encontre um analgésico. É em nome do cumprimento deste desejo que nos submetemos à Medicina, aos seus preceitos, às fórmulas para as quais as revistas semanais dão grande destaque. Neles, não se informa que, entre os que sofrem ataques cardíacos, metade tem níveis de colesterol no sangue considerados saudáveis; que só dez por cento dos que tem câncer de pulmão são ou foram fumantes; que a possibilidade de uma pessoa morrer por estar sendo submetida a uma cineangiocoronariografia existe. Só o que é narrado é o sucesso das novas técnicas da medicina. Raramente seus fracassos – talvez porque ouvi-lo nos inquiete, sendo a queda do valor de certas ações nas bolsas uma representação deste mal estar.

Não se trata de virar a moeda do outro lado e buscar onde a pesquisa biomédica fracassa para “denunciá-la”, como se fora um Chico Lopes perante uma comissão do congresso. Trata-se de os jornalistas não se deixarem ofuscar pela evidência do senso comum, para que possam não apenas reiterá-la, mas também contá-la – e, assim, deixar nascer a dúvida da qual poderá derivar o novo. Quando um pesquisador da área da genômica diz que, no futuro (?), os genomas de todas as espécies serão seqüenciados, os jornalistas – que retiram do senso comum a crença no poder ilimitado da ciência – não se perguntam sobre a factibilidade desta tarefa. A biologia de hoje calcula que 13 ou 14 milhões de espécies vivam no planeta. Delas, descreveu cerca de um milhão setecentos e cinquenta mil<sup>13</sup>. Como poderá então a genômica cumprir este sonho? Esta questão – um exemplo simples – não surgirá ao repórter que não distingue sua posição da posição da fonte. Um pesquisador interessado na genética molecular está afetado pela perspectiva de poder que novas técnicas parecem abrir a sua frente, e lhe é inevitável entusiasmar-se. Ao repórter que não se confunde com as crenças de sua fonte cabe contar sobre seu entusiasmo, e perguntar sobre ele. Só poderá fazê-lo se se deslocar da posição da fonte para ocupar um outro lugar, próprio, de onde então tomara a palavra. Não para denunciar, mas para qualificar a declaração de sua fonte com a explicitação do entusiasmo, inerente à história dos

---

<sup>12</sup> Note-se a afirmação também se aplica as chamadas medicinas alternativas.

<sup>13</sup> Há várias estimativas sobre o número de espécies viventes na Terra, sobre o número de espécies que já viveram aqui, e sobre a velocidade, tanto da extinção, quanto da descrição de novas espécies. Também sobre o número de espécies já descritas pelo *Homo sapiens* há controvérsia. De toda maneira, são milhões.

que praticam a genética molecular nesta transição de séculos. A versão do repórter, então, enriquecerá a versão da fonte. Isto não ocorrerá se ambas forem a mesma. Também não basta “dar o outro lado”, na versão banalizada do senso comum. O contraditório nutre-se de “lados”, mas não se esgota neles.

### **A PARTE PELO TODO**

O jornalismo de ciência é sensacionalista. É difícil para qualquer jornalista não praticar o sensacionalismo: o acontecimento que não causa espanto, uma sensação, não preenche os requisitos da notícia. As reportagens de ciência são sensacionalistas porque, ao se deixarem confundir com a fonte, afirmam resultados que são fruto do reducionismo que marca a prática científica sem nunca explicitá-lo. Desta maneira, por aderir à palavra do cientista como sendo aquela que deve ser reproduzida e não questionada, o jornalista relata o que vale nas condições especiais do experimento, que delimita um problema para estudá-lo com vistas à sua manipulação, sem nada dizer sobre elas. As conclusões de artigos científicos, matéria-prima da maior parte da produção jornalística sobre ciência, aplicam-se estritamente no âmbito daquelas condições estabelecidas. Afirmar a parte pelo todo, sem mencionar que a parte não é o todo: eis a maneira pela qual a ciência “traduzida” pelos jornalistas faz-se sensacionalista. O jornalista de ciência, ao formular uma afirmação como “descoberto o gene da obesidade”, não deixa à vista o fato de estar o seu relato, e os autores do artigo científico, referindo-se a experimentos realizados com cobaias, para as quais é o próprio experimento que define o que é obesidade. A afirmação, assim, transforma a polegada de conhecimento obtida em princípio de validade geral. Comete imprecisão e exagera – faz sensacionalismo.

### **A QUESTÃO DA FORMAÇÃO DOS JORNALISTAS**

Tenho participado de vários encontros em que se discute a qualidade do jornalismo praticado em nosso país. No primeiro semestre do ano 2000, conversei sobre as relações entre jornalistas e militantes de direitos humanos, entre jornalistas e médicos, entre jornalistas e gestores de escolas superiores, entre jornalistas e cientistas. Há muita insatisfação com a produção das mídias; e é um consenso nestas conversas a necessidade de dar atenção à formação dos profissionais, especialmente os mais jovens. Não se pode duvidar (é o senso comum) de que jornalistas mais sabidos produzirão melhores reportagens. Parece provável. Um jornalista tem mais recursos para estabelecer o contraditório se conhecer bem um assunto. Um jornalista que sabe qual o número de espécies estimado

vivendo na Terra escutara com mais propriedade a afirmação sobre sequenciar os genomas de todas as espécies.

Mas o jornalista não precisa conhecer todos os assuntos para poder perguntar sobre eles. O que é imprescindível para a prática do jornalismo é seus profissionais conhecerem como se usa o contraditório para construir versões mais precisas, em que mais vozes encontram expressão. Um bem treinado jornalista que sabe se utilizar da regra do contraditório, que conhece os fundamentos e a tradição de seu ofício, terá atenção para reconhecer de que maneira a posição da fonte informa o que ela está dizendo. Poderá falar sobre isto com sua fonte, obtendo dela novos dados que fortalecem ou enfraquecem a afirmação. Poderá mover-se na direção de perguntar para um cientista de outra área sobre a pretensão, sobre sua factibilidade, e sobre o entusiasmo dos pesquisadores em genética molecular. De seu movimento em busca de cotejar versões, nascerá uma reportagem mais rica e mais bem informada. Se o jornalista cobrindo ciência é um bom jornalista, não se preocupem: a qualidade da divulgação científica virá por si.

### **Resumo**

O artigo quer especificar a posição do jornalista trabalhando em assuntos intitulados de 'ciência e tecnologia'. Elege como critério de distinção da posição do jornalista, sua atividade na busca do contraditório, perguntando pelos motivos da falha aparente da regra na produção jornalística sobre ciência. Aponta uma confusão entre a posição do jornalista e as posições dos outros envolvidos quando o assunto é ciência; e procura descrever alguns de seus efeitos na cobertura.

### **Abstract**

The article discusses what is specific to journalists in charge of science and technology coverage. It stabilishes the deliberate search for controversy as a distinctive feature of journalists in the relationship to their sources of information, asks why this conduct apparently fails when science is the subject and show the impact of this failure to the quality of coverage.

### **A Autora**

MÔNICA TEIXEIRA. É jornalista, e a reportagem é sua especialidade. Em 1981, começou sua carreira na televisão como repórter do programa Fantástico. Em 1995, criou o SBT Repórter, que dirigiu até 1997. Trabalha atualmente na TV Cultura de São Paulo, onde realizou em 2001 a série de programas "Ciência e Inovação, Caminhos da Riqueza", e em 1999 a série de documentários "Genoma: Em Busca dos Sonhos da Ciência".